

Das criaturas aos criadores: contribuições de Foucault para a análise de uma historiografia tripartida sobre a Guerra do Paraguai

Fabiana Luiza da Silva *

Resumo: Este trabalho parte de algumas das muitas contribuições do filósofo francês Michel Foucault para a história. Priorizo suas idéias que dizem respeito à relação saber/poder e à forma como esta pode ser considerada a criadora dos indivíduos. Abordo a utilidade de seus conceitos para a análise das formas através das quais Francisco Solano López e Duque de Caxias foram descritos na historiografia brasileira sobre a Guerra do Paraguai (1865-1870). Apresento a possibilidade de se voltar maior atenção às condições de possibilidade para os indivíduos que caracterizaram os referidos personagens. Ou seja, defendo a utilização das idéias deste filósofo para identificar tanto o que foi escrito sobre os referidos personagens, como para saber quem eram os seus sujeitos criadores.

Palavras-chaves: Historiografia-Guerra do Paraguai-Michel Foucault

Abstract:: This work in some of the many contributions of the French philosopher Michel Foucault to the history. Prioritize your ideas concerning the relationship knowledge / power and how it can be considered the creator of the individuals. Addresses the usefulness of their concepts for the analysis of the ways in which Francisco Solano Lopez and Duque de Caxias were described in Brazilian historiography on the war in Paraguay (1865-1870). Presenting the opportunity to return attention to the conditions of possibility for individuals that have characterized these characters. That is, I support the use of the ideas of this philosopher to identify what has been written about these characters as to who were the subject creators.

Keywords: Historiography-War of Paraguay-Michel Foucault

Este trabalho consiste numa possibilidade de aprofundamento da análise das escritas referentes à Guerra do Paraguai (1865-1870) especificamente, das descrições de dois de seus protagonistas, o presidente paraguaio Francisco Solano López e o brasileiro Luís Alves de Lima e Silva que, posteriormente, ficou conhecido como Duque de Caxias. Este é o tema de minha pesquisa de mestrado na qual analiso as produções brasileiras a esse respeito, compreendidas entre os anos de 1893 e 2003.

Inicialmente, saliento que, a utilização das idéias do filósofo francês Michel Foucault, faz parte de uma proposta para a realização, talvez, de um trabalho futuro, pois, a complexidade de suas discussões é merecedora de um período de maior investigação e aprofundamento. Porém, tal constatação não se tornou um impedimento ao estabelecimento de aproximações entre os seus posicionamentos e a pesquisa em questão.

* Mestranda em História Social pela Universidade Severino Sombra.

Academicamente, quando o assunto é a Guerra do Paraguai, são utilizadas as correntes historiográficas, tradicional, revisionista e contemporânea as quais, detalharei mais adiante. Após caracterizá-las, apresentarei as contribuições de Foucault para a abordagem das mesmas.

Embora as análises realizadas busquem as diferentes conceituações atribuídas à Guerra do Paraguai, cito a abordagem mais recente sobre o tema. Para tanto, utilizo como referência, as idéias de Francisco Doratioto autor do livro *Maldita Guerra: a nova história da Guerra do Paraguai*, (DORATIOTO, 2003:471) uma das obras mais completas produzidas até o momento sobre o assunto. Através da mesma, é possível compreender de que forma A Guerra Grande, da Tríplice Aliança ou, simplesmente, Guerra do Paraguai, pode ser considerado o maior conflito ocorrido na América do Sul, no século XIX.

Foi um combate de grandes proporções em todos os sentidos, tanto pelo contingente de recursos humanos que mobilizou, quanto em relação ao seu tempo de duração (1865-1870). O início do conflito, oficialmente, data de 1865, porém, um ano antes, ocorrera a primeira ofensiva paraguaia ao Império brasileiro. De um lado da guerra estava a República do Paraguai, então, sob o comando de Francisco Solano López, do outro, a Tríplice Aliança, formada pelo Império brasileiro e as repúblicas da Argentina e do Uruguai. Dentre os que atuavam como inimigos do Paraguai estava Luís Alves de Lima e Silva que, durante a guerra, era marquês, porém, mais tarde, fora agraciado com o título de duque.

A guerra terminou em 1870, com a morte do presidente paraguaio depois de um longo período de fuga e resistência. A vitória foi dada à Tríplice Aliança. Desde então, este evento recebeu diferentes interpretações. Academicamente, tornou-se uma prática comum a divisão da história da guerra em três correntes historiográficas, dadas as mudanças verificadas nos enfoques ao evento.

A corrente historiográfica tradicional é formada pelas obras escritas do final do século XIX até meados do século XX. Seus autores são, majoritariamente, oficiais ex-combatentes. Parte do princípio de que, as causas e os desdobramentos da guerra estavam sob a responsabilidade do presidente paraguaio, ao qual foram atribuídos, por exemplo, os qualificativos de “déspota”, “louco” e “megalomaniaco”. Dentre os autores, estão Augusto Tasso Fragoso e Affonso de Carvalho.

O revisionismo brasileiro surge em meados da década de 1960 e dura cerca de vinte anos. É marcado por um contexto de ditaduras militares na maior parte dos países da América Latina, inclusive, no Brasil. Segundo seus membros, a guerra fora fomentada pela Inglaterra que não queria que o modelo de economia e desenvolvimento autônomos do Paraguai fosse copiado por outros países, prejudicando, dessa forma, sua influência no sul do continente.

Como ícones desta historiografia, podem ser apontados o historiador argentino Leon Pomer e o seu discípulo brasileiro, o jornalista Julio José Chiavenatto.

As produções historiográficas realizadas a partir do final da década de 1980 até os dias atuais, fazem parte da corrente contemporânea. Estas obras primam por uma flexibilidade em suas abordagens, à medida que, rompem com muitas das idéias apresentadas pelas correntes anteriores. Trata da Guerra do Paraguai de forma menos restrita e superficial. Para tanto, seus membros se valem das pesquisas realizadas nos meios acadêmicos e de um exaustivo trabalho de análise de fontes. De um modo geral, valorizam a análise das conjunturas que teriam possibilitado as ações dos beligerantes. Para as abordagens mais recentes sobre a guerra, muito contribuíram os historiadores Ricardo Salles e Francisco Doratioto.

O objetivo de se estabelecer aproximações entre o pensamento de Foucault e as narrativas sobre López e Caxias, foi motivado por alguns questionamentos, tais como: Desde o término da Guerra do Paraguai, até hoje, de que forma López e Caxias foram descritos? O que teria permitido a existência de relatos antagônicos sobre ambos? Quem pôde falar sobre eles? De que forma foi buscada tal possibilidade? Quais conceitos de Guerra do Paraguai foram criados a partir de tais descrições? Em que medida os conhecimentos produzidos sobre estes personagens permitem o conhecimento dos lugares de fala e das matrizes discursivas constituintes de cada época? Enfim, de que forma os sujeitos criadores destas histórias podem ser conhecidos através de suas criaturas?

Para situar teoricamente esta discussão, proponho algumas reflexões sobre o conceito da relação saber\poder. Logo, o legado do filósofo permite pensar numa relação de positividade entre saber e poder, à medida que, parte do pressuposto de que toda relação de poder acaba por instituir um saber, da mesma forma que o saber também irá permitir uma relação de poder. Ou seja, saber e poder são elementos fluidos e interpenetráveis.

Exemplifico esta afirmativa ao dizer que, a partir do momento em que homens de uma época – nesta perspectiva, o gênero masculino, de fato - elegeram a Guerra do Paraguai como tema sobre o qual deveria ser escrita uma história, e pelo fato de terem disputado entre si o direito de fazê-la, é um indício da funcionalidade do poder para a elaboração de um saber. Tal saber é positivo, pois, permitiu que os narradores da Guerra do Paraguai pudessem criar “seus” próprios López e “seus” próprios Caxias, estabelecendo, por isso, uma possibilidade de diálogo entre seus pares, o que implicaria, também, na delimitação dos “possíveis” interlocutores. Acrescento à esta idéia o fato de que, provavelmente, haveria a preocupação com o que deveria se tornar público sobre este evento.

[...] em toda sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que tem por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade” (FOUCAULT, 1996: 4)

Outra possibilidade de identificação da relação saber/poder nestas narrativas está no fato de que foram estabelecidas, em épocas distintas, novas concepções sobre a Guerra do Paraguai, ou seja, nos primeiros escritos, tratava-se de um revide, uma resposta à “afronta” (grifo meu) de Solano López, já no revisionismo brasileiro, foi caracterizada como o resultado uma atitude protecionista dos interesses britânicos na América do Sul, ao contrário do que é valorizado pelos escritores os quais, trabalham com a idéia de que o conflito fora um desdobramento do processo de formação e afirmação dos governos desta mesma região.

Isto significa que esta relação pode ser usada para identificar o surgimento de diferentes conceitos para este evento. Mais do que isso, sua análise possibilita, também, a caracterização dos indivíduos que escreveram estas histórias, pois, o outro ponto da discussão que apresento, diz respeito à oportunidade de se identificar as singularidades dos autores das obras sobre estes personagens, tendo em vista, os conhecimentos que estabeleceram.

Isto significa que, caracterizar os elaboradores destes discursos implica, necessariamente, a abordagem dos lugares de fala dos mesmos, ou seja, é fundamental saber quem escreveu, o que escreveu e por que escreveu. Logo, o que privilegio é a possibilidade de entender as diferentes caracterizações dadas a López e a Caxias como desdobramentos de relações de poder na produção da escrita das histórias deste evento e como oportunidades para se identificar de que forma estas narrativas consistem em trilhas que levarão aos sujeitos criadores destes discursos.

A primeira e, talvez, mais importante característica do poder, na perspectiva de Foucault é o seu caráter relacional, isto é, este conceito não pode ser entendido enquanto um objeto concreto e de fácil delimitação. O poder está em todos os momentos da vida dos indivíduos. Para percepção de tal fato, é necessário pensar nos saberes que, a todo o momento, estão presentes em nossas vidas, pois, são eles que permitem não só as próprias relações, como também os sujeitos que delas fazem parte. Por isso, eis a definição de Foucault para o poder:

Daí a importante e polêmica idéia de que o poder não é algo que se tem como um coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado os que têm o poder e de outros aqueles que se encontram dele alijados. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações e poder. (FOUCAULT, 1999: 4)

Cito, como exemplo, a própria empreita de se fazer uma história para a Guerra do Paraguai e de se traçar um perfil para López e para Caxias. De imediato, o que era latente nos

três momentos que caracterizam as correntes historiográficas deste tema, era a vontade de se criar uma verdade para este fato e fazer com que tais formulações fossem aceitas e difundidas para os contemporâneos das obras produzidas. Daí, a necessidade de buscar nos textos sobre estes personagens, os indícios que podem ser usados para exemplificar o fato de que

cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” e verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.(FOUCAULT, 1999: 12)

Mas, que outro exemplo da relação saber\poder é fornecido por estas escritas?

Provavelmente, seus autores não criaram, apenas, diferentes versões para a Guerra do Paraguai, mas também, a preencheram com os personagens que pudessem legitimá-las. Daí, o fato de que nos primeiros registros brasileiros sobre o confronto, principalmente, aqueles que foram elaborados por militares, é recorrente a exaltação a Caxias, o oposto do tratamento destinado a López, pois, a idéia que deveria prevalecer era a de que a guerra fora de única e total responsabilidade do presidente paraguaio, comportamento que pôde ser explicado da seguinte forma:

É um caudilho mau, ambicioso como Rosas; mesquinho como Oribe, mas a todos sobreleva por haver conseguido, mercê de esquisito fenômeno de sugestão coletiva, um ascendente irresistível sobre o seu povo, a ponto de identificar o seu destino com o da valorosa nação paraguaia.”(CARVALHO, 1938: 211)

Finalmente, Foucault pode ser utilizado para compreender, em que medida, as obras sobre estes personagens possibilitam uma análise mais aprofundada sobre os lugares de fala dos criadores destes discursos e, em que medida, permitem a melhor delimitação destes sujeitos. Contudo, saliento que, se por um lado, esta tarefa pode ser confundida com a busca do que seria a coerência historiográfica, que relaciona o que é dito a um contexto justificável, por outro, manifesta, também, a possibilidade de entender de que forma estas obras, ou melhor, os saberes nelas contidos, acabaram por evidenciar as particularidades dos seus autores. Isto porque, a “investigação do saber não deve remeter a um sujeito de conhecimento que seria sua origem, mas a relações de poder que lhe constituem” (MACHADO, APUD, FOUCAULT, 1999: XXI)

Por isso, parto do pressuposto de que é possível identificar as especificidades dos autores das obras sobre a Guerra do Paraguai, tendo em vista, seus próprios textos. Não se trata apenas de apontar os contextos de elaboração destes discursos, mas, sobretudo, verificar em que medida, os “López” e os “Caxias” que foram criados nas (e para as) histórias da guerra

permitem, também, o conhecimento dos sujeitos que os conceberam enquanto figuras históricas.

[...] queria ver como estes problemas de constituição podiam ser resolvidos no interior da trama histórica, em vez de remetê-los a um sujeito constituinte. É preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do próprio sujeito, isto é, chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica(FOUCAULT, 1999: 7)

À análise proposta, pode ser aplicado, ainda, o conceito de descontinuidade (SILVA, 1976: 56-60), pois, o posicionamento deste filósofo fundamenta o não estabelecimento de uma relação de causa e consequência entre os fatos para, ao contrário, estimular o historiador a realizar uma busca pelas especificidades dos eventos. De certa forma, o enfoque aos sujeitos criadores das histórias da guerra, consiste numa alternativa à abordagem meramente cronológica e factual que, acabaria por estabelecer uma narrativa voltada, apenas, à análise do encadeamento dos fatos deste evento.

Finalmente, como mais um desdobramento dessa tentativa de caracterização daqueles escritores, surge, inevitavelmente, a necessidade de abordagem à desnaturalização dos objetos (RAGO, 1993: 22), pois, esta é uma possibilidade para a compreensão de que as diferenças verificadas entre as correntes historiográficas que trataram da guerra, não podem ser analisadas, tão somente, pelas mudanças de enfoque, mas também, pela observação dos contextos históricos nos quais estas se realizaram e pelo conhecimento dos escritores que as efetuaram. Enfim, tudo isto serviria para reafirmar que “não há função eterna dos objetos na história, mas a sua vinculação no contexto de práticas específicas de cada época.” (DALLABRIDA, 1998: 82)

Referências bibliográficas:

- CARVALHO, Afonso de. *Caxias*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1938.
- DALLABRIDA, Norberto. *O elogio da descontinuidade: Michel Foucault e a historiografia*. In: Fronteiras-Revista de História. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, n.6. 1998.
- DORATIOTO, Francisco F. Monteoliva. *Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *História da descontinuidade*. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da (org.) Teoria da História. São Paulo: Cultrix, p.56-60, 1976.
- _____. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- MACHADO, Roberto. *Por uma genealogia do poder*. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- RAGO, Margareth. *As marcas da pantera: Foucault para historiadores*. Resgate-Revista de Cultura do Centro de Memória da Unicamp. Campinas, n.5, p.22-32, 1993.